

MEMÓRIA DOS CAMINHOS DO GELCO

Denize Elena Garcia da Silva¹

Colocar em pauta os caminhos do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste, situá-lo sócio-historicamente, sobretudo em termos de uma espécie de inclusão social no cenário acadêmico brasileiro, remete-nos ao campo de uma política de identidade. O termo inclusão, tão utilizado na atualidade, significa “ter direito a ter direitos”, o que pressupõe a meu ver uma relação próxima ao conceito de identidade.

Assim esta apresentação resgatará um momento especial, qual seja, o surgimento de uma sociedade acadêmico-científica no Centro-Oeste do Brasil. O GELCO nasceu diante do fato de professores e pesquisadores que vivemos nessas “paragens brasileiras”, assumirmos, de modo consciente, uma identidade coerente com a imensidade de bens culturais, de variedades dialetais, com uma diversidade linguística (num olhar sobre as línguas indígenas) e, sobretudo, com a necessidade de sermos conhecidos pelos outros. Nas palavras do estudioso Calhoun (1994, p. 9-10):

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida... Sempre [segundo Calhoun], o autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modo específico, pelos outros.

No contexto dessas ideias nasceu a associação. Criado na Universidade de Brasília, em 11 de outubro de 2000, durante o I Encontro de Professores de Letras do Brasil Central, o GELCO passou a congrega profissionais e estudantes da grande área das Letras, envolvendo Literaturas, bem como Linguística Teórica, Linguística Aplicada e Ensino de Línguas.

¹ A autora, Professora Associada II da Universidade de Brasília (UnB), é fundadora e conselheira honorária do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste (GELCO).

Como entidade regional, o GELCO contou, de início, com uma rede de associados que se estendia desde os Estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, até Goiás e o Distrito Federal, incluindo o Estado de Tocantins desmembrado para o norte. Desde então vem ganhando adeptos de outras regiões brasileiras, graças ao contato com associações nacionais e até mesmo internacionais. Devo ressaltar que a necessidade de sermos conhecidos de modo específico, de marcarmos nossa identidade, encontrou eco e respaldo também nas agências de fomento.

A propósito, ao discutir a questão da identidade e significado na sociedade em rede, Manuel Castells (1999, p. 24), em seu livro *O poder da identidade*, sugere que a construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder. Nessa perspectiva, propõe o autor uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades: a legitimadora, a de resistência e a de projeto. Enquanto a identidade legitimadora envolve instituições dominantes da sociedade visando à expansão e racionalização de sua dominação no que concerne aos atores sociais, a identidade de resistência surge como decorrência de condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, o que implica o surgimento de trincheiras de resistência e sobrevivência de seus integrantes. Mas é no terceiro tipo de identidade que podemos contextualizar o escopo do GELCO, uma vez que a identidade de projeto, resultante da utilização de material cultural, permite a construção de uma nova identidade capaz de redefinir uma posição na sociedade e, em condições propícias, transformá-la.

O I GELCO, realizado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, no mês de outubro de 2001, representou oficialmente a voz do Centro-Oeste no espaço acadêmico brasileiro, quando recebemos então apoio de instituições de ensino superior, bem como duas aprovações do projeto com apoio financeiro do CNPq e da Capes. Nesse primeiro evento, foram discutidos os avanços, bem como os desafios do ensino, da pesquisa e dos cursos de pós-graduação na região Centro-Oeste voltados para os estudos da linguagem.

Como não poderia deixar de ser, o regionalismo de Manoel de Barros, maior expoente vivo da poesia brasileira, ensinou-nos, enquanto linguistas, ao lado de colegas professores de línguas e literaturas, a admirar a paisagem de cor local matizada por versos que carregam pormenores do dialeto pantaneiro. Manoel de Barros (1999), em um de seus poemas, registra o seguinte: “Não tenho bens de acontecimentos. O que não sei fazer desconto nas palavras. Entesouro frases”. Se traçarmos um paralelo de nosso lado profissional com o poeta, tecemos conhecimentos, embora nem sempre eles se transformem em bens de acontecimentos, tampouco bens de produção tecnológica. Na realidade, fazemos muito e não inventamos nada, uma vez que na maioria das vezes trabalhamos ou com a gramática da língua, ou com a tecnologia da palavra, ou com mecanismos interdiscursivos que nos permitem apontar e interpretar a relação texto e contexto. Não obstante, ao fazermos uma descrição linguística, um estudo lexicográfico, uma interpretação de textos literários, repetidos, ou textos de uso único, pragmáticos, ao ensinarmos línguas e literaturas, podemos transformar nossa realidade. Se por um lado, garimpando a cor local, surge o homem-matéria de literatura, por outro surgem os que pesquisam as línguas na sua interioridade, na gramática, e os que, labutando nas instâncias do discurso, ensinamos que a língua é um contrato social. Mas a noção de regionalismo vem agregada ao aspecto da identidade. Por isso, evocar Manoel de Barros implica dar força à voz do Centro-Oeste brasileiro.

Ao discutir o regionalismo e a cultura local de Mato Grosso do Sul, Maria Adélia Menegazzo (2003, p. 161) afirma em seu artigo que “[...] num primeiro momento, o regionalismo pode ser visto como marca de exclusão, afinal, encontramos fora do eixo cultural brasileiro”. Mas, continua a autora, “[...] se pensarmos na profusão de fronteiras nacionais e internacionais que compõem nosso entorno, diremos, parafraseando Mario de Andrade (1972, p. 16), que somos, por definição, uma região formada por ‘acrescentamento muito mais que por evolução natural’”. Nesse sentido, o caráter plural não só da cultura sul-matogrossense, mas dos Estados de Mato Grosso, Goiás e do

Distrito Federal tem muita riqueza para mostrar e contar. E o GELCO, em seu primeiro evento, foi a prova disso, como se encontra registrado em três coletâneas: 1 livro – Estudos de linguagem – e dois volumes especiais da Revista Papéis, da Editora da UFMS, somando 97 artigos que representam, em sua maioria, publicações de trabalhos voltados para linguística, literaturas, descrição e ensino de línguas, todos assinados por professores e estudantes no papel de pesquisadores sensíveis à construção social de uma nova realidade brasileira.

O II GELCO realizado na Universidade Federal de Goiás, na cidade de Goiânia, no período de 8 a 10 de outubro de 2003, consolidou as metas traçadas pela associação, sobretudo no que concerne ao fortalecimento de uma consciência acadêmico-científica voltada para valores étnicos, raciais e culturais. Naquela ocasião tive a oportunidade de lançar, por um lado, um desafio aos participantes do evento para a necessidade de implementação de linhas de pesquisa que refletissem a cor local. Por outro lado, a escolha do tema central do evento – Integração Linguística, Étnica e Cultural – significou uma homenagem às nações indígenas e, ao mesmo tempo, um alerta com relação à própria situação dos povos indígenas no Brasil, cujas línguas somam hoje 180 somente, das 1.500 que eram faladas antes da colonização. O desafio, naquele momento, implicava a necessidade de se levar a cabo pesquisas voltadas para a diversidade linguística e cultural, considerando-se não só o português, mas também as línguas faladas pelas nações indígenas. Lembro-me que frisei a existência de uma realidade que é uma constante entre nós. Trata-se da variação e mudança nos usos linguísticos, fenômenos que vêm sempre ligados a processos sociais, atrelados, por sua vez, a fatores étnicos, raciais e culturais. Foi assim que, durante três dias, através de 4 conferências plenárias, 72 apresentações em mesas-redondas, 180 apresentações em sessões coordenadas, 258 apresentações em sessões individuais e 53 apresentações em painéis, o GELCO abriu espaços para momentos de intercâmbio de conhecimentos e experiências entre pesquisadores não só do Centro-Oeste, mas das outras regiões do Brasil. Os procedimentos metodológicos que viabilizaram

os debates, envolveram palestras de especialistas das áreas de linguística, línguas e literaturas, cujos temas, além de refletirem os avanços em estudos das respectivas linhas de pesquisa, permitiram a reflexão e o diálogo sobre questões ligadas à pesquisa em linguagem, bem como ao ensino de línguas e literatura. Posso afirmar que, durante aqueles três dias, tivemos a consolidação da nossa identidade de projetos no cenário brasileiro e, com isso, o nosso “direito a ter direitos” futuros, sobretudo junto às agências de fomentos. O II GELCO representou para muitos uma estação de partida, ou até mesmo de passagem, para novos caminhos de pesquisa.

Entre os conferencistas do II GELCO que nos brindaram com sua participação, destaco três nomes: Ingedore Koch, Silvia Lúcia Bingonjal Braggio e Lucia Maria Pinheiro Lobato. A primeira, Ingedore Koch, está sempre a nos ensinar, pelos caminhos da Linguística Textual, que usar uma língua significa realizar ações. Trata-se, aqui, de ações conjuntas. Nas palavras de Koch (2006, p. 37):

[...] as ações verbais são ações conjuntas, já que usar a linguagem é sempre engajar-se em alguma ação em que ela é o próprio lugar onde a ação acontece, necessariamente em coordenação com os outros. Essas ações não são simples realizações autônomas de sujeitos livres e iguais. São ações que se desenrolam em contextos sociais, com finalidades sociais e com papéis distribuídos socialmente.

Foi nessa perspectiva que, durante três dias, o GELCO permitiu-nos reunir participantes com ações verbais, muitas das quais resultaram ações conjuntas com vistas a uma identidade de projetos no coração do Centro-Oeste brasileiro.

Entre as necessidades a serem contempladas em futuros projetos de pesquisa, destacou-se a urgência de ações conjuntas para aqueles voltados para as línguas indígenas. Passo a falar agora em nome e no nome de Silvia Braggio (2006) que, de maneira veemente, denunciou uma realidade ameaçadora, qual seja, a morte e extinção de muitas línguas indígenas no mundo e, de modo específico, no Brasil. De

acordo com os dados apresentados por Braggio, somente sete línguas contam com mais de 10.000 falantes. Embora em quase todos os Estados brasileiros haja povos indígenas, a proporção de indígenas por grupo é muito baixa, haja vista que o número de línguas com menos de 101 falantes cobre quase um terço do total de línguas. Acrescente-se a isso a seguinte realidade: pequenas comunidades têm menos resistência às forças tecnológicas e socioeconômicas, o que implica o fato de o tamanho de um grupo representar um forte fator de desaparecimento de uma língua indígena. Faço minha uma pergunta de Silvia Braggio: “Por que manter essas línguas vivas?”

As respostas encontradas por Braggio são muitas e vão desde a necessidade de impedir o rompimento da transmissão da herança cultural, que se dá principalmente através da língua, até a perda das chaves para a sobrevivência psicológica, social e física, uma vez que a língua constitui uma forte marca de identidade cultural. Mas, sobretudo, como uma forma de homenagem, valho-me do que nos deixou Lucia Lobato (2006) em conferência proferida no II GELCO assim intitulada: “Sobre a questão da influência ameríndia na formação do português do Brasil”. Para a nossa grande cientista, que continua viva entre nós através de seu legado de pesquisa, tal influência pode ter ocorrido devido ao fato de a aprendizagem do português ter-se realizado em idade adulta, durante três séculos, na condição de segunda língua. Na explicação de Lobato, os pontos de convergência destacados entre as línguas ameríndias e o português do Brasil representam pontos de divergência estrutural, na atualidade, entre o português brasileiro e o português europeu. Lucia Lobato, além de nos deixar um estudo que evidencia a importância das línguas indígenas na formação do português do Brasil, sugere que novas linhas de pesquisa desenvolvam estudos voltados para a influência das línguas africanas. E esta foi uma das razões que inspirou o tema central do III GELCO: *Línguas e culturas: caminhos convergentes*.

Cumprindo seu propósito de realizar ações conjuntas e na busca de caminhos convergentes, o GELCO hospedou o I Colóquio da ALED (Associação Latino-Americana de

Estudos do Discurso) no Brasil, assim como o II Simpósio de Língua de Sinais e Bilinguismo, momentos que ocuparam o espaço desses três dias, enriquecidos por debates e reflexões que têm norteado os caminhos futuros do GELCO como associação científica com forte presença no cenário acadêmico brasileiro. A 3^a. edição do GELCO aconteceu na Universidade de Brasília, através de 24 conferências e cerca de 150 apresentações em mesas-redondas, sessões coordenadas e individuais, além de 20 minicursos e 40 apresentações em painéis. O triplo evento concretizou uma vez mais o escopo central da Associação, qual seja, o de proporcionar intercâmbio de conhecimentos e experiências entre pesquisadores, docentes e estudantes já não só do Centro-Oeste, mas também do Distrito Federal, com outras regiões do Brasil.

O GELCO, em sua 4^a. edição, juntamente com o VII Seminário de Linguagens, incentivou apresentações de trabalhos de pesquisa voltados para a comunicação que perpassa mundos virtuais no ciberespaço, ao mesmo tempo em que contou com “a reaproximação de práticas intersemióticas e, sobretudo, práticas entressaberes”, unindo, de forma magistral, grupos de trabalho voltados para língua portuguesa, literatura, teorias da gramática, línguas estrangeiras, educação musical e informática entre outros. E, mais uma vez, mãos acadêmicas, movidas pela força histórica dos bandeirantes e fortalecidas pelo labor da docência e da pesquisa, prepararam com esmero o tema central do duplo evento.

Assim é que *Linguagem: desafios contemporâneos*, mais que um tema, nomeou um congresso cujos participantes discutiram, na Universidade Federal de Mato Grosso, na cidade de Cuiabá (MT), desde estudos sobre “diversidade linguística”, “cultura, memória e identidade”, passando pela “análise de discurso e práticas sociais”, até “línguas indígenas e educação bilíngue”, além de “literatura e outras linguagens”, como a musical e a da informática. Enfim, mais que grupos temáticos conjugados com minicursos, os organizadores prepararam terreno fértil e proporcionaram efetivamente um plantio, durante três dias, de “práticas entre saberes”, razão pela qual todos colhemos trabalhos

advindos de frutos intelectuais, adoçados pela busca de linguagens que semeiam o saber e a paz.

Referências

ANDRADE, M. de. Literatura nacional. In: ANDRADE, M. de. **O empalhador de passarinho**. São Paulo: Martins Fontes/IN, 1972. p. 167.

BARROS, Manoel. **Para encontrar o azul eu uso pássaros**. Campo Grande: Saber Sampaio Soares, 1999.

BRAGGIO, S. L. Línguas indígenas ameaçadas: documentação, tipologias sociolingüísticas. In: SILVA, D. E. (Org.). **Língua, gramática e discurso**. Goiânia: Cãnone Editora; GELCO, 2006. p. 43-53.

CALHOUN, C. (Org.). **Social theory and the politics of identity**. Oxford: Blackwell, 1994.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

LOBATO, L. M. P. Sobre a questão da influência ameríndia na formação do português do Brasil. In: SILVA, D. E. (Org.). **Língua, gramática e discurso**. Goiânia: Cãnone Editora; GELCO, 2006. p. 54-86.

KOCH, I. G. V. Lingüística textual hoje: questões e perspectivas. In: SILVA, D. E. (Org.). **Língua, gramática e discurso**. Goiânia: Cãnone Editora; GELCO, 2006. p. 21-42.

MENEGAZZO, M. A. Regionalismo: local da cultura/cultura local. In: SILVA, D. E. G. *et al.* (Orgs.). **Estudos de linguagem: inter-relações e perspectivas**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2003. p.159-166.